

## Abayomi e Casemiro Coco, bonecos negros em cena: relato de uma experiência na Educação Básica

Gleydson de Castro Oliveira, Tácito Freire Borralho  
Universidade Federal do Maranhão - UFMA (São Luís - MA)



**Figura 1:** Oficina do *Projeto Teatro Abayomi Bonecos: memórias e histórias quilombolas em cena* ministrada pelo autor na comunidade quilombola Santa Joana dos Pretos, Itapecuru-Mirim – MA (2015). Foto: Dayanne Santos.



**Figura 2:** Esquete *O Casamento Arretado* apresentado pelos participantes da oficina *Boneco-Memória: Meu Casemiro, Nossas Estórias* ministrada pelo autor na comunidade Residencial Paraíso, São Luís – MA (2016). Foto: Gleydson de Castro.



**Figura 3:** Bonecos elaborados pelos participantes do curso de formação de professores *Teatro de Bonecos e Educação Étnico-racial: a pedagogia do Boneco na implementação da lei 10.639/03* ministrado pelo autor em São Luís – MA (2016). Foto: Gleydson de Castro.



**Figura 4:** Registro da oficina *Teatro de Bonecos e Comunicação* ministrada pelo autor na comunidade rural Mutum, Arari – MA (2018). Foto: Lidiane Ferraz.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034701202019045>

**Resumo:** Este artigo se dedica a relatar e analisar a experiência que tive no Estágio Supervisionado do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Comunitária Pinóquio, localizada no bairro do Anjo da Guarda, em São Luís – MA, na qual busquei experimentar o Teatro de Bonecos como uma linguagem artístico-pedagógica capaz de problematizar as questões das relações étnico-raciais, tendo em vista a implementação da Lei 10.639/2003 (Obrigatoriedade do ensino da história e cultura africana e afro-brasileira), por meio da confecção e animação de dois bonecos negros, Abayomi (boneco de manipulação direta) e Casemiro Coco (boneco de luva).

**Palavras-chave:** Teatro de Bonecos. Lei 10.639/2003. Bonecos negros. Educação Básica.

**Abstract:** This article is dedicated to reporting and analyzing the experience I had in the Supervised Internship of the Degree course in Theater of the Federal University of Maranhão (UFMA) with a group of the 4th year of Elementary School of the Pinocchio Community School located in the district of Anjo da Guarda in São Luís - MA, in which I tried to try the Puppet Theater as an artistic-pedagogical language capable of problematizing the issues of ethnic-racial relations, in view of the implementation of Law 10.639/2003 (Obligation of teaching african and afro-brazilian history and culture), through the making and animation of two black puppets, Abayomi (direct manipulation puppet) and Casemiro Coco (glove puppet).

**Keywords:** Puppet Theater. Law 10.639/2003. Black puppets. Basic Education.

Neste relato de experiência<sup>1</sup>, discorro e analiso as vivências que tive durante a prática do Estágio Supervisionado, no qual Antonio Bandeira e eu, enquanto graduandos do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, ministramos aulas supervisionadas, durante o período de agosto a dezembro de 2016, na turma do 4º ano (turno vespertino) da Escola Comunitária Pinóquio, localizada no bairro do Anjo da Guarda, na cidade de São Luís – MA.

No decorrer dessa experiência na Escola Comunitária Pinóquio, busquei, movido pelas inquietações que tive em experiências no âmbito da extensão na graduação, experimentar o Teatro de Bonecos como uma linguagem artístico-pedagógica capaz de problematizar questões pertinentes às relações étnico-raciais, tendo em vista a implementação da Lei 10.639/03 (obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana e Afro-brasileira), por meio da elaboração e animação de dois bonecos negros, *Abayomi* (boneco de manipulação direta) e *Casemiro Coco* (boneco de luva).

Durante as visitas à Escola Comunitária Pinóquio para conhecer o campo de atuação, notamos que tinha um significante quantitativo de alunos e alunas negros oriundos da mesma comunidade onde está localizada a escola e que, no cotidiano escolar, infelizmente acabavam reproduzindo discursos racistas e ofensivos, demonstrando um desconhecimento e desvalorização da cultura africana e afro-brasileira. Comentários como “eu não sou negro, porque negro é feio”, “parece um macaco”, “cabelo de bombril” dentre outros, eram comuns nas relações interpessoais entre os alunos dentro do ambiente escolar.

Refletindo, então, sobre a formação desses alunos e do próprio professor, concluímos que a proposta pedagógica de trabalhar as

---

1 Faz parte da pesquisa realizada para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *O Negro no Teatro de Bonecos: das tradições de Teatro de Bonecos à sala da Educação Básica* (2018).

questões das relações étnico-raciais através do Teatro de Bonecos poderia colaborar para o processo de ensino-aprendizagem dos envolvidos e para a reflexão a respeito da implementação de políticas públicas para educação que enfatizem a valorização da cultura afro-brasileira e o empoderamento da identidade negra.

Sabe-se que a lei 10.639, proclamada em 2003, torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas instituições de ensino. Entretanto, o cumprimento dela na totalidade das escolas brasileiras ainda é um grande desafio para a educação do país. Desse modo, iniciativas que suscitem o ensino da história e a valorização dos povos negros são de grande importância e necessárias ao ambiente escolar enquanto espaço formativo, pois suplementam inúmeras vezes a carência deste tipo de abordagem na escola, ainda mais quando se trata dos anos iniciais da escolarização.

Pensando, então, nos nossos objetivos, foram surgindo alguns questionamentos que tentamos examinar a partir de uma reflexão mais ampla, buscando as possibilidades na prática, como por exemplo: de que forma as vivências em Teatro de Bonecos podem produzir narrativas que discutam as questões étnico-raciais na sala de aula da Educação Básica?

Durante as reuniões de planejamento, ficou acordado que eu e o meu companheiro de Estágio trabalharíamos com uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental, composta por 06 alunos (02 meninos e 04 meninas). Veja a foto da turma abaixo:



**Figura 5:** Turma do 4º ano da Escola Comunitária Pinóquio, 2016. Foto: Gleydson de Castro.

No campo da Educação, sobretudo nas escolas, o debate sobre a promoção da igualdade das relações étnico-raciais ganhou intensidade a partir de 2003, quando foi sancionada a Lei nº 10.639/03 como Política Pública de Educação. A referida Lei surge em resposta às reivindicações dos Movimentos Negros Organizados, que há muito tempo têm se empenhado em prol de ações concretas contra o racismo, o preconceito e as discriminações raciais na sociedade de forma geral e na educação de modo específico (SOUZA; CROSO, 2007).

No processo de elaboração do nosso planejamento de atividades, optamos por trabalhar com dois bonecos negros presentes na cultura popular do Maranhão - *Casemiro Coco* e *Abayomi* - para a imersão da temática de Relação Étnico-Racial na sala de aula. No entanto, qual é a contribuição desses bonecos para o desenvolvimento do potencial criativo e para a formação estético-político-educacional dos sujeitos envolvidos? Buscando responder essas questões, faz-se necessário conhecer um pouco sobre tais bonecos.

A *Abayomi*<sup>2</sup> é uma pequena boneca negra, feita de pedaços de pano, com amarrações ou tranças e sem costura. Sua face não possui marcações dos olhos ou boca e essas características, levando para o âmbito do Teatro, proporcionam aos seus criadores, abrirem um portal ao imaginário. Os trajés trazem a cor, o gênero e a personalidade da boneca criada. No que diz respeito ao contexto histórico da origem da *Abayomi*, é importante destacar que, segundo narrativas, as quais não são comprováveis, essa boneca teria surgido quando os negros vieram da África para o Brasil como escravos nos navios negreiros. As crianças choravam assustadas, porque viam a dor e o desespero dos adultos. As mães, então, para acalantar seus filhos, rasgavam retalhos do tecido de suas vestimentas e faziam bonecas *Abayomi* para eles brincarem. Podemos observar que as bonecas foram criadas em um período de violação dos direitos dos negros.

Por outro lado, é possível encontrar a informação de que, no final da década de 80, Waldilena Martins, popularmente conhecida como *Lenabayomi* Martins, artesã de São Luís – MA e militante do Movimento de Mulheres Negras, criou a boneca *Abayomi*<sup>3</sup>, chegando a ser uma das fundadoras da Cooperativa *Abayomi*, localizada no Rio de Janeiro e que se encontra em funcionamento até os dias de hoje, buscando sempre fortalecer a autoestima e reconhecer as identidades afro-brasileiras de negros e descendentes, lutando para superar as desigualdades de gênero e integrar a memória cultural brasileira<sup>4</sup>.

Naquela época, essa boneca de pano ressurgiu “dentro de uma conjuntura de acirramento das relações capitalistas com a introdução da política do neoliberalismo” (ESCOBAR; GOTtert, 2010). Um período de grande efervescência dos movimentos sociais de negritude, do feminismo, dos coletivos de mulheres negras e de

---

2 Palavra de origem Iorubá, que significa “presente precioso”.

3 Fonte: <http://cidadedasartes.rio.rj.gov.br/noticias/interna/216>. Acesso em 09/09/2019.

4 Mais informações disponíveis em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19576.pdf>

meio ambiente. Silva (2008) enfatiza que a Abayomi nasce como um grito do povo que não pode e não irá se calar. As Abayomis simbolicamente valorizam a cultura africana e contribuem para o reconhecimento da cultura afro-brasileira, pois fazem parte da herança cultural dos negros para o Brasil. De acordo com Escobar e Gottert, podemos verificar que:

A essência revolucionária em Abayomi está na práxis da sua construção e contínua reconstrução, pois ela não está restrita ao passado, pelo contrário, é movimento, entende-se dentro do processo histórico no qual a transformação concreta das relações sociais é o seu caminho. Expressão da sabedoria popular, da fusão dos conhecimentos dos nossos povos, ela expressa a resistência e luta dentro de um modo de viver e produzir que é opressivo e insustentável. Parte da arte que é única, aonde a teoria e a técnica andam juntas, e não existem sem aquele que a produz (ESCOBAR; GOTTERT, 2010, p. 08).

Percebendo, então, a práxis presente na confecção desta boneca e levando em consideração o valor histórico-cultural e a essência revolucionária destas delicadas bonecas, símbolos de resistência; decidi trilhar caminhos enquanto arte-educador e ativista negro, trazendo-as para o universo do Teatro de Bonecos por meio da técnica de manipulação direta ou adaptando-as para a técnica de boneco de vara (ver figura a seguir) dando visibilidade às possíveis personagens negras que representassem e disseminassem nas suas dramaturgias mensagens de empoderamento negro e valorização da cultura africana e afro-brasileira.

Após experimentar a Abayomi em diversas vivências (oficinas, projetos de extensão etc.), obtive bons resultados durante o processo de investigação das possibilidades de animação dessa boneca em cena, que colaborava para a introdução das temáticas da Educação Étnico-Racial na sala de aula.



**Figura 6:** Bonecos Abayomi adaptados para a técnica de boneco de vara. Aula de Teatro de Bonecos ministrada pelo autor enquanto monitor da disciplina Teatro de Formas Animadas do curso de Licenciatura em Teatro/UFMA, 2018. Foto: Danilo Santos.

Já o boneco *Casemiro Coco*, é um boneco de luva presente no Teatro de Bonecos Popular do Maranhão. Este boneco, em sua maioria, tem seu corpo (tronco) feito em pano, principalmente de retalhos, e a cabeça e mãos são feitos a partir de uma madeira esculpida. O movimento da cabeça e dos braços do boneco é realizado pelo ator-animador através de três dedos (polegar, indicador e médio – sendo o primeiro e o último dedos usados para manipular os braços e o segundo dedo para manipular a cabeça). Esse boneco não possui boca articulada. Geralmente, ele interpreta um personagem negro que recebe o mesmo nome. Esperto e brincalhão, carregado com um vocabulário provocativo e libidinoso. *Casemiro Coco* se tornou o herói da brincadeira tradicional de Bonecos do Maranhão, presente principalmente no interior do Estado. Contando “causos” e peripécias, das mais cômicas até as trágicas. As suas narrativas, muitas vezes, retratam antagonistas e perseguições

de homens brancos vingativos e de maior poder aquisitivo. *Casemiro Coco* possui relevante importância na tradição e no contexto cultural do Nordeste, sendo um Patrimônio Cultural do Brasil salvaguardado pelo IPHAN.<sup>5</sup>

Nota-se que ambos os bonecos não são apenas simples bonecos negros, mas bonecos que desde sua origem são carregados de uma práxis e uma essência da resistência da cultura afro-brasileira, e ofereceram a possibilidade de discutir as relações étnico-raciais no âmbito do ensino do Teatro durante o Estágio Supervisionado na Escola Comunitária Pinóquio.

No primeiro dia de aula, realizamos um diálogo com os alunos para nos familiarizarmos e podermos conhecer as suas realidades, suas histórias e suas limitações, para assim pensarmos como a aprendizagem se efetuará de forma significativa. Neste dia, fizemos uma exposição sobre o Teatro de Bonecos e finalizamos com um jogo de animação com objetos do cotidiano para trabalhar a ludicidade. Neste jogo, por meio da animação de objetos comuns (tesoura, pente, colher, etc.), personagens e histórias foram improvisadas e contadas pelos alunos. Observamos, a partir desse primeiro jogo, a dificuldade que os alunos tinham em animar os objetos e até mesmo de manuseá-los. Chegamos à conclusão de que precisávamos trabalhar mais a coordenação motora deles por meio de outros exercícios práticos. Ficou notória a timidez dos alunos nesse momento inicial.

Percebi também que, ao compartilhar a presença de heróis negros na Arte dos Bonecos do Brasil, instauraram-se em sala de aula olhares de surpresa e de curiosidade, não só por desconhecerem a prática dessa linguagem artística, mas por verem o Negro ocupando um espaço de destaque. Aos poucos foram surgindo, na sala,

---

5 Mais informações sobre esse tema podem ser acessadas no artigo de Rívia Ryker Bandeira de Alencar, que trata do boneco popular do Nordeste e seu reconhecimento pelo IPHAN, na Revista Móin-Móin no. 15, disponível online no endereço: <http://revistas.udesc.br/index.php/moin/article/view/1059652595034701152016113/7745> (N.E.)

narrativas sobre como a imagem do negro é propagada de forma negativa na sociedade (o ladrão, o mal-educado, o violento, o sujo etc.) e relatos de experiências individuais sobre o tema em questão. Buscamos mediar os debates que surgiam, indagando aos alunos, questionando-os e também nos dedicando a desconstruir discursos racistas e preconceituosos que eram acionados nas improvisações que surgiam ao serem animados os bonecos negros.

Na segunda aula, realizamos um diálogo com os educandos sobre o que foi trabalhado no último encontro, como forma de resgate para fixação do aprendizado. Em seguida, exibimos um vídeo de um espetáculo de Teatro de Bonecos, intitulado *O Casamento Arretado*<sup>6</sup>, apresentado por alunos de um projeto de extensão que desenvolvemos na comunidade do bairro Residencial Paraíso (São Luís-MA), no ano de 2016. Assistir o vídeo possibilitou aos alunos uma visão mais dinâmica sobre o boneco na cena teatral. Após a exibição do vídeo, realizou-se uma roda de diálogo e leitura sobre o panorama histórico do teatro de bonecos, na qual o assunto de discussão foi o personagem “negro-herói” (BRAGA JUNIOR, 2012) representado pelo boneco de luva *Casemiro Coco* no Teatro de Bonecos Popular do Maranhão.

No terceiro dia, fizemos uma explanação para os alunos sobre os conceitos básicos de animação/manipulação do teatro de bonecos e, em seguida, realizamos alguns jogos para os alunos trabalharem a percepção corporal e vocal, direcionando a prática teatral para a animação de bonecos. Percebemos que as dificuldades que eles tinham demonstrado no exercício realizado na primeira aula já estavam aos poucos sendo superadas. Depois de um jogo de manipulação de bonecos de luva, finalizamos com uma roda de diálogo sobre a aula e com um tempo para a elaboração dos protocolos (registros dos alunos sobre a aula). Essa aula teve como objetivo proporcionar

---

6 O vídeo do espetáculo está disponível na plataforma do Youtube, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=4i86LTRieXk&t=4s>

um estudo dos conceitos básicos de animação/manipulação através de exercícios de expressão corporal e vocal.

A quarta aula teve como objetivo propiciar aos alunos compreenderem a técnica de manipulação direta a partir do boneco Abayomi, vivenciando etapas de abordagem teórica, confecção e animação do boneco. Iniciamos com um diálogo com os alunos para retomar o que foi discutido/aprendido na aula anterior, e em seguida, Antonio Bandeira e eu realizamos uma contação performática da lenda que gira em torno do surgimento da boneca Abayomi. Nesta aula, enfatizamos as questões das relações étnico-raciais. Tivemos um debate bem produtivo, tanto que percebemos o surgimento, aos poucos, de discursos de autoafirmação, como por exemplo, o diálogo que tive com uma aluna e que em seguida anotei no meu caderno de campo, aqui transcrito:

18 de outubro de 2018 – No Estágio, uma aluna de 09 anos me perguntou:

Aluna - Tio, o senhor é negro?

Eu - Sim, sou. E você?

Aluna - (alegre e orgulhosa) Eu sou índia!

Eu - (surpreso) Sério?

Aluna - Eu sou índia porque a minha mãe é índia.

Ah! Mas meu pai é negro... (Anotação do caderno de campo, 2016).

Esse tipo de fala foi recorrente nas aulas, demonstrando que a metodologia estava sendo significativa para o processo de ensino-aprendizagem e construção e valorização da identidade e subjetividades dos educandos. Aos poucos fomos notando que alguns alunos, que inicialmente não se reconheciam enquanto negros, já estavam passando a se autodeclararem como tais e tendo orgulho do pertencimento étnico-racial. Nesse sentido, Granero (2011) diz que o fazer teatral desperta nos alunos uma “observação de si mesmo e do outro, incita-os a aprofundar-se em suas próprias histórias de vida e a desenvolver a capacidade de expressar seus sentimentos de

forma positiva, com respeito e colaboração”.

Em seguida, os alunos tiveram um momento de confecção dos bonecos *Abayomis* com os materiais que levamos. Fizemos uma explanação interativa sobre os conceitos e noções de técnicas de criação e manipulação do boneco *Abayomi*. Depois eles fizeram um exercício de elaboração de dramaturgia, ensaio e apresentação. Os discentes criaram, a partir das nossas mediações, um experimento cênico que intitularam de *Minha Cor*. Decidimos com eles convidar a turma do 2º ano para assistir ao experimento cênico de Teatro de Bonecos elaborado a partir da manipulação direta de bonecos *Abayomi*. Assim foi feito. O experimento *Minha Cor* (ver as figuras a seguir), falava sobre como sair de uma situação de racismo por meio da autoafirmação da identidade negra. A turma convidada ficou maravilhada com a apresentação e ao final os alunos explicaram sobre a temática. Ficamos muito orgulhosos e contentes perante o resultado.

É importante frisar que esta exposição teatral, às vezes, é vista por todos na escola como uma exposição saudável e necessária no ensino de Teatro e, em outros momentos, é criticada e vista como uma superexposição colocando o aluno numa situação fragilizada. Por isso as avaliações práticas tendem a não encontrar apoio na escola. Acima de tudo, as aulas teóricas estabelecem uma maior concentração nos estudantes e trazem uma nova postura.

Além das aulas teóricas, utilizamos também aulas práticas, nas quais trabalhamos com jogos teatrais e de improvisação como ferramentas para preparação do grupo para ir à cena. Momento de romper barreiras e se expor. Eles ficaram empolgados para apresentar o trabalho que tinham elaborado.



**Figura 7:** Bonecos Abayomis elaborados pelos alunos, 2016. Foto: Gleydson de Castro.



**Figura 8:** Apresentação do experimento *Minha Cor*, 2016. Foto: Gleydson de Castro

Após a confecção e exercício de animação, pedimos aos alunos que ficassem com os bonecos, os levassem para suas casas, e que contassem suas histórias e peculiaridades, sua lenda e suas características, aos seus familiares e amigos. Possibilitariam, dessa forma, troca de saberes entre família e instituição, levando as discussões sobre o racismo para além da sala de aula, além de, assim, estimular a reflexão quanto ao respeito e valorização da negritude.

Na quinta aula, iniciamos com uma explanação sobre o Dia da Consciência Negra (20 de novembro), a Lei 10.639/03 e a importância dos bonecos negros Casemiro Coco e Abayomi para a imersão da temática no Teatro de Bonecos. Depois, realizou-se um exercício de elaboração de pequenas dramaturgias sobre os temas racismo, cultura afro-brasileira e religião de matriz africana. O exercício finalizou com um jogo de animação utilizando a técnica de manipulação direta. Como de costume, encerramos a aula com um momento de reflexão e elaboração dos protocolos.

Para avaliarmos tanto os alunos quanto a nossa abordagem pedagógica, desde o início pedimos para eles que registrassem cada aula por meio de desenhos, poemas, frases, textos ou da forma que eles se sentissem bem para comentarem sobre os conteúdos que aprenderam, ou as práticas vivenciadas em sala de aula.

Ao final de cada aula, dávamos um tempo aos alunos para a elaboração e entrega dos seus protocolos/registros. Transcrevo aqui recortes de alguns de seus protocolos sobre as primeiras aulas de Teatro de Bonecos:

**A:** “Eu gostei muito da aula de hoje porque eu aprendi sobre os bonecos e também porque eu me diverti, fiz teatro de bonecos, fiz uma peça e ilustrei um personagem que foi a Maria. (...) em fim, eu gostei muito de hoje e da aula que nós tivemos que usar a imaginação e dá vida para os bonecos. Foi muito legal. Eu amei!”

**B:** “Eu gostei muito da aula de hoje, eu aprendi muito sobre a imaginação, gostei da peça de Teatro que fiz com meus colegas. (...) em casa eu tenho um boneco de luva

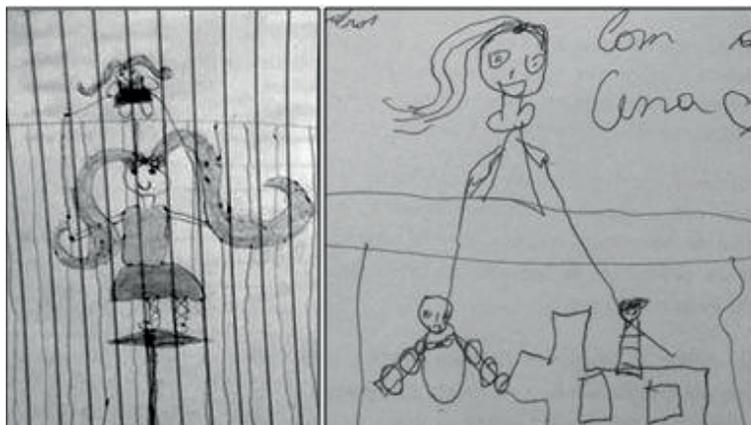
(...) gostei muito do jogo que fizemos, foi muito legal”.

**C:** “O que eu mais gostei foi a brincadeira que a gente fez foi muito legal e divertida, só usamos apenas a imaginação (...) os movimentos dos objetos foi bem legal (...)”

**D:** “Aprendi que nós podemos dar vida aos bonecos (...) e que quando nós estamos animando os bonecos, devemos mudar de voz. (...) que tem bonecos de luva, marionetes e outros (...) e quando nós usamos a nossa criatividade nós podemos ver as coisas que não existem.” (Fragmentos coletados de protocolos elaborados pelos alunos, 2016).

Esse método de registro das aulas foi crucial para a nossa prática docente, pois percebemos o que os alunos tinham aprendido e o que eles tinham dificuldade.

Além dos textos, os alunos se expressaram, na maioria das vezes, por meio de desenhos/garatujas que representavam o que eles aprenderam na sala de aula ou até mesmo retratando a cena de algum exercício prático, como podemos ver a seguir:



**Figura 9:** Desenhos de protocolos elaborados por dois alunos. Fotomontagem elaborada pelo autor, 2016.

No início, os alunos não diferenciavam a brincadeira do fazer teatral. Durante as aulas, essa percepção foi sendo desconstruída. Comentários como “Vamos brincar hoje, tio?” passavam a ser menos

utilizados, dando lugar para comentários como “Vamos jogar?” e “Vamos ensaiar?”. O mais importante e essencial é o aluno perceber que aquele objeto/boneco transformado em uma bruxa ou em um príncipe, naquele momento, é o personagem, é outro ser que existe por meio da energia que eles transferiram ao objeto/boneco, ou seja, só existe por que a criança o faz, o anima. É preciso que quem esteja vendo o que eles executam perceba que esses alunos estão praticando teatro num jogo de ficção em que se pode ser outra pessoa, ou várias pessoas, ao mesmo tempo. Os alunos dos anos iniciais da escolarização usam a imaginação com muita facilidade. Para eles não existe o impossível, o ridículo ou o improvável nos seus mundos, pois, ao brincarem, os alunos tornam tudo possível.

A sexta aula teve como foco o início do processo de confecção dos bonecos de luva “Casemiros Cocos”. Exercitamos e aprimoramos o desenvolvimento motor e cognitivo dos estudantes através de recortes, colagens e práticas. Foram confeccionadas as cabeças dos bonecos a partir do estudo das características e feições dos personagens, realizado por meio dos croquis elaborados para cada boneco. Os alunos se mostraram muito dedicados e entusiasmados para com as atividades práticas. Elaboramos os bonecos a partir da técnica de confecção da cabeça feita de garrafas PET (Poli Tereftalato de Etileno), a qual aprendi durante minha participação nas oficinas do Projeto de Extensão *Teatro de Formas Animadas nas Escolas do Ensino Fundamental* realizado durante o ano de 2015 pelo Grupo de Estudo Casemiro Coco/UFMA.

Na sétima aula, realizou-se um estudo de mesa sobre as personagens do espetáculo final dos alunos, intitulado *A Luta pela Liberdade*. Por conseguinte, mediamos exercícios grupais e individuais de construção/elaboração da dramaturgia final para a apresentação com os bonecos. Sempre buscamos analisar o que foi apreendido/aprendido pelos alunos, relembrando a última aula. Os alunos relembraram a história que haviam proposto para a encenação e construímos um roteiro da história. A partir desse roteiro foi exer-

citada a elaboração da dramaturgia final.

A oitava aula teve como foco as técnicas de animação/manipulação do Teatro de Bonecos, trabalhando, então, com a confecção das luvas/corpos dos bonecos Casemiros Cocos a partir da técnica cabeça feita de garrafa PET. Planejamos trabalhar somente com o processo de confecção das luvas, com os corpos dos bonecos, mas percebemos a agitação da turma e propomos jogos para que eles pudessem liberar um pouco as energias. Propusemos, então, exercícios de aquecimento e impostação vocal, visando uma preparação para a apresentação final.

A nona aula foi pensada para a realização do experimento cênico de Teatro de Bonecos dos alunos com o texto escrito pelos próprios, como forma de encerramento das nossas atividades. Durante os primeiros horários, eles tiveram mais uma vez um contato com o texto que elaboraram. Dessa vez, levamos o texto digitado/impresso e estruturado, e foi nítido o sentimento de orgulho por cada um ter feito parte daquilo. Ensaíram o texto e as falas dos respectivos personagens, animando com os seus bonecos. Após o intervalo, convidamos outras duas turmas para assistirem à apresentação. A seguir, as fotos dos bonecos criados pelos alunos:



**Figura 10:** Bonecos de Luvas confeccionados pelos alunos. Foto feita pelos estagiários, 2016.

A apresentação das crianças foi muito contagiante. Durante toda a aula a supervisora esteve conosco, participando ativamente e motivando seus alunos. Todos nós ficamos satisfeitos com o experimento cênico e com a evolução da turma, pois conseguiram usar voz, animação e manipulação da forma ideal. Eles ainda suscitaram um pequeno debate sobre as questões das relações étnico-raciais apresentadas na peça, mostrando também o que aprenderam/aprenderam durante as nossas aulas. Depois da apresentação, realizamos um momento de reflexão e tanto a supervisora quanto a turma nos agradeceram pelas aulas. Foi um momento de agradecimentos que nos trouxe muita satisfação, demonstrando que conseguimos, de certa forma, uma boa experiência no Estágio Supervisionado, mesmo que, às vezes os planos de aula necessitassem de adaptações, por não funcionarem por conta do quantitativo de alunos.

Reginaldo Maurício Ferreira (2016) diz que:

A escola é um espaço de formação e de experimentação e o fazer arte possui estas mesmas qualidades citadas de forma intrínseca. Portanto, justifico que o teatro na escola proporciona, através do fazer artístico, fundamentos pedagógicos que conduzirão os alunos a novas leituras de mundo. Fazer teatro de bonecos seria então, uma forma de dialogar com os educandos, através do objeto inanimado. Os bonecos confeccionados para animação facilitam o manuseio por serem articulados. E o contato com esta materialidade tende a instigar o aluno a explorar os materiais oferecidos na sala de aula. Após as improvisações, o estudante, para propor uma cena com o boneco, precisa fazer uma reflexão do discurso que pretende exprimir. Neste sentido, fazer teatro de bonecos leva o aluno a criar universos e desenvolver suas habilidades expressivas de comunicação. É criar a partir da materialidade, e esta materialidade passa a ter sentido na medida em que é apoiada por uma concepção de mundo e suas relações estabelecidas pelo educando ao expressar-se (FERREIRA, 2016, p. 49).

Nós, enquanto artistas-docentes em formação, buscamos mediar os conhecimentos da linguagem teatral objetivando desenvolver o ensino aprendizagem de cada aluno e sensibilizá-los quanto à valorização da cultura africana e afro-brasileira e quanto ao empoderamento da identidade negra. O trabalho desenvolvido por meio do processo de confecção e animação de dois bonecos negros da cultura popular nas aulas de Teatro de Bonecos foi fundamental para alcançar tais objetivos, além de desenvolver habilidades (oralidade, coordenação motora etc.) nos alunos a partir de duas técnicas diferentes: boneco de manipulação direta e boneco de luva.

Deixo claro que estou ciente que, por meio dessa experiência de menos de um semestre, não fomos capazes de formar cidadãos prontos e sensíveis totalmente às questões das relações étnico-raciais. Seria impossível afirmar isso, até porque ainda existem muitos discursos

presentes na fala e nas atitudes deles que devem ser desconstruídos e também pelo fato dos sujeitos da aprendizagem ainda estarem no processo inicial de construção identitária. No entanto, cabe a nós, educadores, esse constante papel de sensibilização durante nossas práticas docentes, reafirmando discursos antirracistas e tolerantes à diversidade. Contudo, por meio dessa experiência de Estágio Supervisionado na Escola Comunitária Pinóquio, eu percebi que houve um grande avanço e que atingimos muitos dos objetivos traçados nos nossos planejamentos iniciais. Durante as aulas, percebemos que, aos poucos, mesmo que de forma ainda muito tímida, foram surgindo na fala e nas atitudes da maioria dos alunos discursos de auto afirmação da identidade negra, compartilhamento sobre religião de matriz africana praticada por familiares e o respeito e valorização para com a cultura afro-brasileira.

Em linhas gerais, na análise da minha prática docente vivenciada no Estágio Supervisionado, busquei contribuir para os estudos da Pedagogia do Teatro associados às questões das relações étnico-raciais na escola. Esforcei-me por proporcionar, aos arte-educadores que venham a consultar este material, uma reflexão sobre como mediar esses conhecimentos no fazer teatral em sala de aula com alunos da Educação Básica. Ademais, essa abordagem adentra este estudo como um diálogo com as Temáticas Transversais, como sugere as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), além de refletir sobre a implementação da lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas instituições de ensino, por entender que é de grande importância para uma construção mais profunda e necessária ao ambiente escolar enquanto espaço formativo.

## REFERÊNCIAS

- BRAGA JUNIOR, A. X. Mamulengo, Frevo e Acorda Povo: resiliências da cultura afro-brasileira na cultura popular. *In: Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 10, p. 68-87, 2012. Disponível em: <http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.315-330.pdf>. Acesso em: 22 de abr. de 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: Mec. 1997.
- ESCOBAR, Giane Vargas; GOTTERT, Marjorie Ediznez dos Santos. A essência revolucionária em *Abayomi*: uma boneca negra de pano em movimento. In: SOARES, A. L. R. (org). **Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade**, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010. ISSN: 21784981.
- FERREIRA, Reginaldo Maurício. **Reflexões sobre o teatro de bonecos na educação**: experimentações em Escola Média Pública. Santa Catarina, 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes), Universidade do Estado de Santa Catarina.
- GRANERO, Vic Vieira. **Como Usar o Teatro na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 128 p., 2011.
- OLIVEIRA, Gleydson de Castro. **O negro no teatro de bonecos: das tradições de Teatro de Bonecos à sala de aula da Educação Básica**. São Luís, 2018. Monografia de Graduação. Departamento de Artes Cênicas, Universidade Federal do Maranhão.

SILVA, Sonia Maria da. **Experiência Abayomi**: cotidianos: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos. Niterói, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Fluminense.

SOUZA, Ana Lúcia Silva; CROSO, Camila. **Igualdade das relações étnico-raciais na escola**. Possibilidades e desafios para implantação da lei 10.639 03. São Paulo: Petrópolis. 2007.